

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 47 — Telefones 29201/2/3 — Endereço Teleg.: «Popular»

## O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

### COMO PROMOVER A CONSTRUÇÃO DE CASAS MAIS BARATAS?

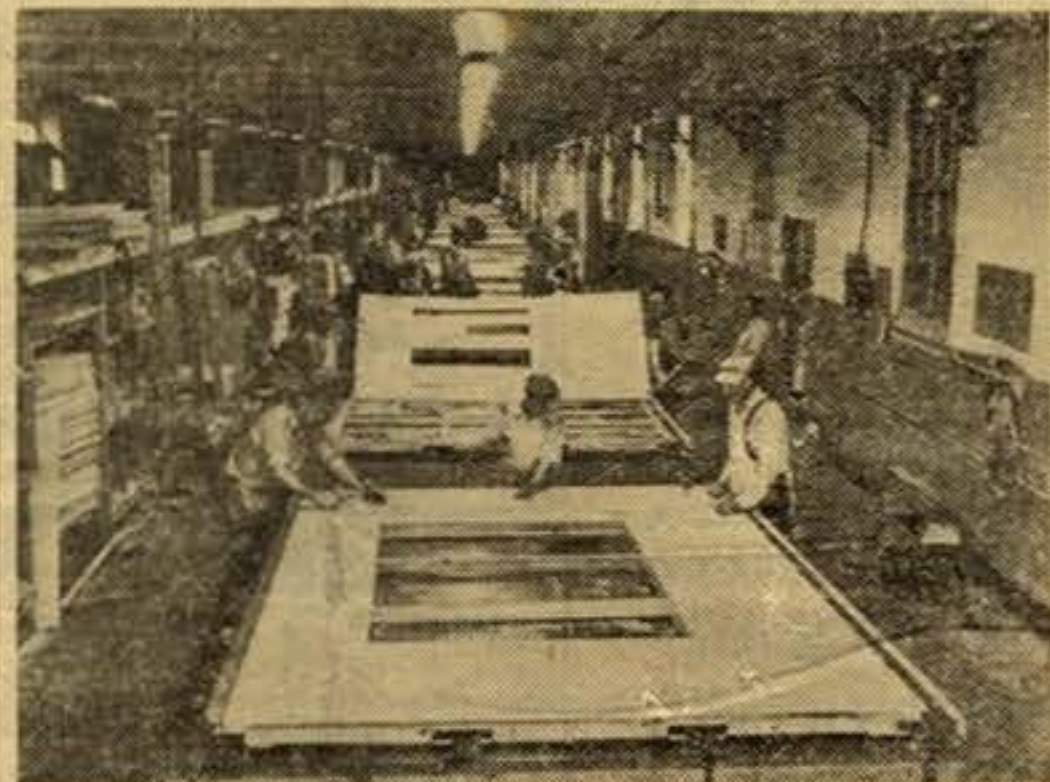
Continuamos hoje a analisar com o destaque merecido o grave problema da falta de habitações em Lisboa. Eis um assunto a que o «Diário Popular» tem consagrado a sua atenção constante e firme nas últimas semanas. Eis um assunto que precisa de ser resolvido. Sem casas não há possibilidade de proteger o agregado familiar. E essa protecção deve estar na primeira linha das preocupações dos Governos e dos povos.

Retomamos hoje o estudo técnico do assunto. Como fomentar a construção de casas de renda barata? Como travar a alta de preços nesse sector? Trata-se dum problema do maior alcance. O «Diário Popular», que não se poupa a esforços para abordar e desenvolver todos os grandes assuntos de palpitante interesse social, prossegue hoje nos seus comentários a este problema.

Vimos nos artigos anteriores a importância relativa que na ponderação do custo das construções com fins lucrativos representam os encargos e a amortização do capital. Normalmente constituem o factor mais importante. Dissemos também ser razoável a taxa do juro dos empréstimos garantidos por primeiras hipotecas, embora a

fundação de instituições ou «sociedades de utilidade pública», como se diz nos países onde existem, permitisse a sua redução ou, pelo menos, o alargamento da base dos

(Continua na 8.ª pág.)



Procura-se atenuar o problema da habitação, também na América do Norte, construindo casas em série, como se vê na gravura. Os operários estão construindo nesta fábrica, 1.000 casas que proporcionam todas as condições de conforto, a preço acessível às classes trabalhadoras

## NOVO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 16. — O Embaixador Raul Fernandes que, recentemente, passou por Lisboa de regresso da Conferência da Paz, em Paris, onde representou o Brasil, vai ser nomeado Ministro das Relações Exteriores do Brasil, em substituição do Ministro interino, embaixador Samuel de Sousa Leão Gracie que vem exercendo aquele cargo desde que pediu a demissão do mesmo, o dr. João Neves da Fontoura, antigo embaixador do Brasil em Lisboa. — (U. P.)

SEGUNDA-FEIRA

### O «DIÁRIO POPULAR»

INICIA A PUBLICAÇÃO DE NOTAS DE VIAGEM SÉRIE DE BRILHANTES CRÔNICAS DO ILUSTRE CRÍTICO E ROMANCISTA JOÃO GASPAR SIMÕES ATRAVÉS DAS QUAIS DARÁ AOS NOSSOS LEITORES IMPRESSÕES DE ESPANHA E FRANÇA

### PEÇO A PALAVRA

## HERMANN HESSE

### PREMIO NOBEL DA LITERATURA

pelo prof. DELFIM SANTOS

As agências telegráficas internacionais lançaram ao mundo a notícia de que o prémio Nobel em literatura tinha sido concedido ao escritor alemão Hermann Hesse, que, desde a primeira guerra mundial, vive voluntariamente exilado na Suíça, em casa que os leitores dos seus livros conhecem em descrição, e situada na região do Tessino. A notícia, como tantas

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## AS EXIGÊNCIAS POLACAS NO CASO DAS FRONTEIRAS

NOVA YORK, 16. — O «New York Times», comentando as declarações feitas por Raymowski, Ministro dos Estrangeiros da Polónia, declara:

«Não resta duvida de que a Polónia considera um facto consumado a fronteira ocidental polaca provisória, traçada no Acordo de Potsdam. Que tencionarão fazer os norte-americanos e os ingleses perante este golpe de força da Polónia, apoiado pela Rússia? Só o tempo, o grande mestre da vida, poderá responder no momento propício». — (U. P.)

## A NAZARÉ CHORA OS SEUS MORTOS E PEDE PROTECÇÃO PARA OS VIVOS

(Do nosso enviado especial)

NAZARÉ, 16. — Não vale a pena recontar, em frases mais ou menos lamentosas, a tragédia que enlutou esta boa gente da Nazaré. Repisar o que todos sabem, é enfadonho; verrumar os corações já dilacerados pela dor é cruel. Mais justo nos parece e também mais proveitoso sugerir medidas que suavizem a tristeza e o desamparo dos que perderam os seus entes queridos e com eles perderam igualmente a garantia de um pouco de pão e a certeza de um lenho que os aqueça nas noites frias de Inverno. Todos choraram já os seus mortos — as viúvas, os órfãos, os irmãos, as noivas. Não de chorá-los alguns pela vida fora porque há dores que têm a perpetuidade do indivíduo. Mas sobrepondo-se ao respeito e à delicadeza da dor, sem que a destrua porém, há as necessidades prementes da vida, aquelas às quais é imperioso atender.

Do balanço desta desgraça restam, além de uma mágoa e de uma tristeza profundas, viúvas e órfãos que começam a lutar já com as dificuldades naturais de quem não possui recursos. E é este aspecto do drama que deve merecer das entidades responsáveis o maior

carinho. Bem sabemos que a Casa dos Pescadores não descurará o assunto, mas sabemos também que os recursos que ela pode fornecer só em pequenina parte minorarão as dificuldades em que se encontram aquelas famílias que perderam os seus chefes. Ora é esse aspecto, repetimos, que tem de ser encarado com o sincero desejo de lhe encontrar uma solução satisfatória. Se se verifica que os auxílios materiais que a lei estabeleceu para essas viúvas e para esses órfãos não lhes garante ao menos um pouco de pão diário, reveja-se essa legislação e abone-se generosamente um pouco de conforto material a quem perdeu a relativa segurança de almoçar e jantar todos os dias.

(Continua na 8.ª pág.)

## «EXILADOS» UM NOVO LIVRO DE VITORINO NEMÉSIO

«A parte frágil — e por isso bem humana — de uma grande empresa histórica fica esboçada aqui», diz Vitorino Nemésio na «Advertência» do seu novo livro Exilados, acabado de publicar. O título tem actualidade. A obra substitui-a no que tem de conteúdo romântico, de aventuroso, até do perfume de um passado distante em que o exílio, mesmo quando queria dizer pobreza ou privações, tinha uma aureola poética de sacrifício com seu quê de literário e que «acabava bem», como nos contos para meninas sentimentais. Que é o livro? A tes de mais



Vitorino Nemésio (Visto por Teixeira Cabral)

nada um novo testemunho, palpitante e expressivo, do talento formal de Vitorino Nemésio — cuja prosa terza e castigada é um motivo de legítimo orgulho da literatura portuguesa contemporânea. Com Vitorino Nemésio se continua, prossegue e atirma a linha. (Continua na 3.ª pág.)

## ATTLEE

### PEDIRÁ NOS COMUNS

### NO FINAL DO DEBATE UM VOTO DE CONFIANÇA

LONDRES, 16. — O Primeiro Ministro britânico, Clement Attlee aceitou o repto dos críticos trabalhistas da política externa do Governo e é provável que no debate de segunda-feira ponha a questão de confiança, segundo

informa o redactor político do «Daily Herald», órgão do Partido Trabalhista.

Embora se tenha informado anteriormente que mais de 50 trabalhistas «rebeldes» não apresentariam a sua emenda criticando a política externa do Governo para ser votada, mas a retirem logo que tenham exposto o caso no debate, o referido jornal informa que se a moção for apresentada, Attlee insistirá em que seja votada.

Espera-se que Attlee termine o debate e peça o voto de confiança, de forma a Bevin, em Nova York, conhecer a sua posição nos Comuns.

O Governo tem o apoio dos conservadores para a política externa

Os correspondentes políticos de vários outros jornais exprimem o ponto de vista de que se o Primeiro Ministro pede a revisão da emenda «os rebeldes» abster-se-ão de votar.

O correspondente do jornal conservador «Daily Telegraph» diz (Continua na 5.ª pág.)

## ELEIÇÕES EM FRANÇA NO DIA 24 PARA O CONSELHO DA REPÚBLICA

PARIS, 16. — Em todas as igrejas de Paris será lido amanhã um apelo do Cardeal Suhard, Arcebispo de Paris, instando com todos os homens e mulheres franceses para votarem nas eleições da segunda Câmara, no dia 24 de Novembro.

Ao mesmo tempo o Partido Católico Progressista apelou também para o eleitorado a fim de votar, declarando que, como nas eleições da Assembleia Geral, a França deve escolher entre o M. P. R. e os comunistas. Os principais Partidos estão a concentrar-se na segunda fase das eleições para o Conselho da República mais do que nas manobras da formação do Ministério que deve suceder a Georges Bidault. Espera-se que este entregue a demissão do seu Ministério ao Presidente da Assembleia que será eleito quando ela se reunir em 28 de Novembro.

Entretanto as dificuldades económicas e financeiras vão-se acumulando e esperam a acção rápida por parte do Governo. — (R.)

## FALA A VIUVA DE MUSSOLINI

O «Diário Popular» inicia amanhã a publicação de uma série de artigos sobre os últimos dias de Mussolini e da política fascista em Itália, segundo declarações da viúva do ditador italiano, actualmente na ilha de Porto d'Ischia, onde os seus filhos mais novos dirigem um restaurante



# COMENTÁRIOS A ANEDOTA HERMANN HESSE

## Os valores do espírito

Publicou ontem o «Diário de Notícias» um editorial intitulado: «O século XIX em Portugal foi uma vasta galeria de valores intelectuais». Antetítulo: «Escritores esquecidos».

Há que aplaudir a doutrina desse artigo, em que se nota, antes de mais nada, ao lado de um estilo de escritor — e que felizmente vai sendo agora muito menos raro do que antigamente nesta safra dos jornais — uma cultura bem orientada, o que também não é para desprezar.

Uma vasta galeria de valores intelectuais? Sem dúvida! No entanto, talvez há meia dúzia de anos ainda fosse considerado como afirmação subversiva — pelo menos — isto de se trazer, para um jornal, tão confessado preito de apreço a um século que Daudet epitetou de estúpido. Quem estas linhas escreve ouso fazê-lo, num artigo publicado há cerca de dez anos no suplemento literário do «Diário de Lisboa» e a que chamou, com intenção, «O inteligente século dezanove». Já ardendo Tróia, como se diz-se; afinal, o tempo passou, e sobre agora à primeira página do «Diário de Notícias» a afirmação, num tom que nem por ser vagamente solene e concelituoso, deixa de ter valimento: «Seria útil que as novas gerações conhecessem a obra dos grandes vultos literários que honraram nessa época a arte e a Nação. Oxalá assim fosse, acrescentaremos nós. Simplesmente cabe perguntar, sem malícia, mas apenas verificando factos: terão as novas gerações o devido respeito pelos valores do espírito, aqueles que mais efectivamente perduraram e subsistem? Proceda-se a um inquérito à juventude de Portugal a ver se adolescentes na idade das primeiras leituras e da formação do carácter conhecem de facto não só alguns dos escritores citados no artigo mas os mais «populares» ou que têm o nome ali nas esquinas das ruas. O resultado seria desastroso. Não se cuida — triste é dizê-lo — tanto quanto seria para desejar da valorização indispensável das realidades do espírito. Exemplo típico pode ser uma emissão radiofónica de jovens, que há pouco ouvimos, e em que se ridicularizava a imprensa por ter-se ocupado no dia 25 de Outubro da conquista de Lisboa! Velharia, boia de elástico, excesso bafiento de erudição, tais foram as ideias dominantes da crítica, tão desenhada e falha de justiça como de graça, diga-se de passagem; grave, também, é que, de mistura, se tenha trocado dos homens de letras, dos intelectuais e até do excesso de livros nas bibliotecas! Triste sintoma de nivelamento por baixo, há que rezeir o facto, no entanto, as suas proporções. Se o citámos foi apenas a título de exemplo. E' que a doutrina do «função» de ontem do «Diário de Notícias» veio-nos sugerir mais uma vez a urgência de criar nas camadas juvenis a certeza daquilo a que podemos chamar «a necessidade de cultura». E, que diabo! é ideia bem pobre esta de que a literatura, ou, de um modo geral, os valores do Espírito, são incompatíveis com as janelas abertas, os músculos rijos ou o gosto sadio do ar livre!

## O MINISTRO DO INTERIOR presidiu a um almoço de homenagem ao dr. José António Marques

Realizou-se, ontem, um almoço de homenagem ao dr. José António Marques. Presidiu o Ministro do Interior, tenente-coronel Botelho Moniz, ladeado pelo homenageado e pelo dr. Ulisses Cortês. Além dos componente da Comissão de Propaganda da U. N. assistiram o chefe de gabinete do Ministro do Interior, capitão Coentro, e Nogueira da Silva, amigo íntimo do homenageado. Aos brindes, exaltaram as qualidades do dr. José António Marques e o significado da homenagem, vários oradores. O Ministro do Interior, com grande elevação e alto sentido de orientação política, fechou a série dos brindes com palavras de justiça e de exaltação da obra e virtudes dos Chefes do Estado e do Governo. Por fim, num brilhante improviso, o dr. José António Marques agradeceu.

## SELO COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL

Foi criado o selo comemorativo do centenário da fundação do Banco de Portugal, com as dimensões de 24 por 31 milímetros, de cor azul, da taxa de \$50, tendo por motivo principal o baixo-relevo da medalha cunhada na época daquela fundação, pondo-se em circulação 4.000.000; vão ser emitidos e postos em circulação 15.000 blocos de quatro dos selos, a vender ao publico pelo preço unitário de \$30.

**ANTONIO FERREIRA PINTO, L. DA**

**PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.**

APRESENTAM

**AMANHÃ**

AS 14,30 HORAS

**REVISTA DESPORTIVA**

E AS 15 HORAS

**RELATO DUM DESAFIO DE FUTEBOL**

EMISSORES DE ONDAS MÉDIAS E CURTAS DE RADIO CLUBE PORTUGUÊS

AO MICROFONE: LANÇA MOREIRA E JOSÉ CARLOS BAPTISTA

PRODUÇÃO DA



AGENCIA DE PUBLICIDADE ARTÍSTICA

## «EXILADOS»

(Continuação da 1.ª pag.)

gem dos nossos autênticos escritores — isto é, homens para os quais escrever é antes de tudo uma arte e serão um ofício, cuidado sendo natural e espontâneo, com certeza uma bela e pura vocação.

De espaço nos referiremos à obra, chamada pelo autor «História sentimental e política do liberalismo na educação» e que é mais do que o esboço a que o autor se refere. O sub-título, porém, diz tudo. Se acrescentarmos que a sombra de Herculano envolve o novo livro de Vitorino Nemésio aí teremos enquadrada no tempo próprio este livro de um escritor em cuja pena arde o sangue forte de Camilo coado pela ironia suavemente moralista de Francisco Manuel de Melo.

O publico e a crítica não deixarão de notar devidamente esta obra de Vitorino Nemésio.

OÇA A VOZ MELODIOSA DE NAVARRO NOS SEUS TÍPICOS TANGOS no BAR CRISTAL

## DA TARDE



Conversa entre os guardas da prisão:

— Este preso é de muito boas famílias. Vê-se logo que já foi jogador de «golf»...

(De «Domingo» — Madrid)

## HOMENAGEM AO CARICATURISTA AMARELHE

Volta a reunir-se hoje, na Casa do Distrito do Porto, a Comissão Executiva da homenagem póstuma e de consagração ao saudoso caricaturista português Amarelhe. Estão a ser seleccionados os trabalhos do artista, encontrados no seu espólio, e têm sido recebidas numerosas obras que particulares estão cedendo para a respectiva exposição. Termina no dia 1 de Dezembro o prazo para a recepção dos trabalhos destinados à «Sala dos Caricaturistas», na qual estão interessados muitos artistas, que assim vêm prestar a sua homenagem ao saudoso Amarelhe.

**ROMERO NAVARRO**  
A notável parelha de baile estreada ontem no BAR CRISTAL é uma atracção da AGENCIA INTERNACIONAL ARTÍSTICA.

**DR. ARMANDO NARCISO**  
RETOMOU A CLINICA Restauradores, 48-r.º

(Continuação de 1.ª pag.)

ção das obras mais famosas do grande escritor e artista.

Quando pela primeira vez, há cerca de dez anos, entramos surpresos na obra de Hesse, achámos estranho que nenhum dos seus livros tivesse sido ainda traduzido, e o seu nome permanecesse quase desconhecido para os apreciadores da boa literatura a quem o alemão está vedado. E lembramo-nos ainda bem que, quando da primeira visita a Portugal, entre as coisas surpreendentes e novas, que em longas conversas comunicávamos aos amigos curiosos das peregrinacões do mundo, o nome de Hesse, e o conteúdo de alguns dos seus romances, tomava parte importante.

A obra do escritor é vasta e o tratamento da sua temática, apesar de polifónica, pode concentrar-se no aprofundamento compreensivo do transitio, sempre maravilhoso e fecundo, da adolescência para a juventude. O escritor, que antes da primeira guerra mundial dera a volta ao mundo e se demorara principalmente na Índia, onde vivera asceticamente, soube das suas experiências transportar para os livros, não o ambiente folclórico ou descritivo da viagem, mas especialmente, e sobretudo, uma romântica compreensão do espírito do homem em luta com a natureza, da oposição sempre presente entre o luminoso e obscuro na tessitura da vida anímica, dos anseios de bem e sentido do mal, do telúrico e do celeste, com o interesse fundo de ver a vida como ela é no processo invisível da sua formação.

Por motivos de natureza política, Hermann Hesse não tinha, na Alemanha dos últimos anos, uma geral aceitação, mas grande número dos seus admiradores, em resistência, continuavam fiéis ao culto da sua arte como mensagem de humanização. Recordo-me que, numa reunião de artistas e escritores na Casa da Imprensa, em Berlim, alguém, celebre mundialmente como escultor, se abeirou de nós com o intuito talvez curioso de falar com um português sobre coisas de interesse comum. Festejava-se nessa reunião um escritor celebrado por um prémio político e que, pouco antes, tinha acabado de ler páginas inéditas de um romance em preparação.

Explica-se, pois, que após, a primeira troca de impressões, nos fosse feita a pergunta: quem julga ser o maior romancista alemão da actualidade? A resposta, um pouco timidamente expressa, por motivos fáceis de compreender, foi apenas: Hermann Hesse. Quando tal ouviu, o nosso interlocutor, visivelmente emocionado, tomou-nos o braço e, dirigindo-se ao criado, ordenou: «Champagne, bitte!» Ficámos algumas horas a um canto da sala trocando impressões e a enaltecermos, em admiração comum, esse homem extraordinário de quem não convinha falar-se abertamente. O nosso interlocutor tinha sido companheiro de estudo e tão próximo amigo do artista que este, num dos seus livros, o tinha feito personagem principal.

A conversa continuou cheia de encanto e de muitas figuras romanescas ficámos conhecendo o suporte real, sem que, no entanto, o ambiente de fantasia em nada perdesse e a admiração pelo artista diminuisse. Pelo contrário, a sua obra tornou-se-nos tão próxima e tão influente, em certos aspectos, que os admiradores de Hesse, que depois conheci em grande numero, se tornaram os melhores amigos que deixei em Berlim, alguns dos quais, também estrangeiros, estão dando à cultura das suas pátrias contribuições fecundadas num intensíssimo convívio intelectual e se estão notabilizando em França, na Itália, na Suíça, na Roménia, em Espanha, etc..

Mais tarde, quando souu a hora da dispersão, voltámo-nos todos a encontrar em despedida, já saudosos das horas que sabíamos não voltarem mais. Uma surpresa me esperava. Na volta tinha planeado

passar pela Suíça. Hesse, a quem tinham participado o caso, apressara-se a convidar-me a passar alguns dias na sua casa do Tessino, curioso de conhecer um português que, por gentileza para mim, lhe tinham dito conhecer e amar profundamente a sua obra. A confusão das horas confusas altera sempre os planos agradáveis, e não pude visitá-lo. O telégrafo encarregou-se agora de comunicar que é Hesse que, dentro em breve, pelos seus livros, visitará Portugal, onde, em previsão segura, terá muitos admiradores, quando entre nós se puder ler «O lobo das Estepes» e «Siddhartha», os dois polos opostos na admirável obra desse extraordinário escritor...



## UM DEVANEIO DE ANTONIO NOBRE

A Casa do Distrito do Porto promove, na noite de hoje, uma sessão de homenagem à memória do poeta António Nobre, que era, como certamente não ignoram, português.

Quando António Nobre morreu ainda eu não tinha nascido; mas, porque muito cedo adquiri o hábito de ler tudo que me viesse parar às mãos, li o «Só creio que ainda não fizera catorze anos. Para ler e compreender o «Só» era realmente cedo. A verdade, porém, é que o livro me impressionou e eu decorei até algumas das poesias que o constituem. Não me proponho, neste momento, falar-lhes desse livro (a que um escritor ilustre chamou, um dia, com alguma popriedade, «Lusiadas da Decadência»), nem da personalidade literária do seu autor, mas tão somente, aproveitando o pretexto da comemoração de hoje, contar-lhes um episódio da vida de António Nobre — e que deve ser desconhecido para a maioria dos leitores e admiradores do poeta.

Certo dia, na Figueira da Foz, onde me encontrava a férias, um amigo meu que, não sendo daquela cidade, ali passava largos temporadas e conhecia toda a gente, atravessava comigo a chamada Praça-Velha, quando, de repente, me disse, apontando-me uma mulher que, acocorada na soleira de uma porta, vendia peixe a uma outra: — Você que se interessa por coisas literárias repare nesta mulher...

Reparei. Tratava-se de uma mulher de cinquenta e tantos anos, magra, ténua, envolta num chales preto e que, literariamente, confesso, me não sugeria coisa alguma.

— Pois esta mulher que aqui vê — acrescentou o meu companheiro — foi, não direi uma paixão, mas, pelo menos, um devaneio de António Nobre...

E contou-me a história. Nobre, então estudante em Coimbra, viera passar uma temporada à Figueira. Um dos seus passeios predilectos era ir de manhã, ao mercado, mirar as vendedoras. Não tapou que uma delas, aliás uma linda rapariga, se tornasse a «sua paixão». Chamava-se Maria. Vendia fruta. Um dia, António Nobre fez-lhe uns versos; ela, em troca, deu-lhe dois peesegos. Já toda a gente, no mercado, sabia do namoro e tudo caminhava no melhor dos mundos possíveis quando, uma manhã, a mãe da rapariga, ao ver o seu pretensio genro, se lhe dirigiu, vermelha, desalçada, de mãos na cinta:

— Vá fazer versos para o diabo que o leve! E se continua a desencaminhar a minha filha, vai aqui o fim do mundo!

Foi um alvoroço; a rapariga chorava; as outras raparigas riam — enquanto o poeta se limitava a exclamar, sereno, com aplomb, dirigindo-se à velha:

— Não voltarei aqui. Mas fique sabendo que perdeu, como genro, um homem ilustre!

O resto, já adivinharam. A Maria, bonita, vendedora de fruta, que interessara António Nobre, era aquela mulher enghada, vestida de preto, que estava á soleira da porta a vender peixe.

Luís de Oliveira Guimarães

**VICENTE REYES**  
o insigne bailarino espanhol interpreta hoje no BAR CRISTAL a célebre **DANÇA DO FOCO!** com a colaboração da estrela de baile **LOLITA DOLORES**